

MIA COUTO

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

26ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Índice

1. Na véspera do tempo	13
2. O desperto nome dos vivos	23
3. Um lençol de amores	39
4. As primeiras cartas	53
5. A morte anunciada do pai imortal	69
6. Deus e os deuses	83
7. Um burro enigmático	93
8. Perfumes de um amor ausente	109
9. O beijo do morto adormecido	123
10. Sombras de um mundo sem luz	133
11. Acutilantes dúvidas, redondulantes mulheres	143
12. Visita ao fazedor de covas	155
13. Uns pós muito brancos	165
14. A terra fechada	175
15. O sonho	185
16. Ideias de bicho	193
17. Na prisão	199
18. O lume da água	209

19. A farda devolvida	219
20. A revelação	227
21. A chave de chuva	241
22. A última carta	255
Glossário	261

NA VÉSPERA DO TEMPO

*Encheram a terra de fronteiras, carregaram
o céu de bandeiras. Mas só há duas nações
— a dos vivos e a dos mortos.*

Juca Sabão

A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. A bordo do barco que me leva à Ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano.

Cruzo o rio, é já quase noite. Vejo esse poente como o desbotar do último sol. A voz antiga do Avô parece dizer-me: depois deste poente não haverá mais dia. E o gesto gasto de Mariano aponta o horizonte: ali onde se afunda o astro é o mpela djambo, o umbigo celeste. A cicatriz tão longe de uma ferida tão dentro: a ausente permanência de quem morreu. No Avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais para de morrer.

Meu Tio Abstinência está encostado na amurada, fato completo, escuro envergando escuridão. A gravata cinza semelha uma corda ao despender num poço que é o seu peito escavado. Rasando o convés do barco, as andorinhas parecem entregar-lhe secretos recados.

Abstinência é o mais velho dos tios. Daí a incumbência: ele é que tem que anunciar a morte de seu

pai, Dito Mariano. Foi isso que fez ao invadir o meu quarto de estudante na residência universitária. Sua aparição me alertou: há anos que nada fazia Tio Abstinência sair de casa. Que fazia ali, após anos de reclusão? Suas palavras foram mais magras que ele, a estrita e não necessária notícia: o Avô estava morrendo. Eu que viesse, era o pedido exarado pelo velho Mariano. Abstinência me instruiu: rápido, fizesse a mala e embarcássemos no próximo barco para a nossa Ilha.

— *E meu pai?* — perguntei enquanto escolhia roupas.

— *Está na Ilha, esperando por nós.*

Depois, o Tio nada mais falou, afivelado em si. Nem se esboçou para me ajudar a empacotar os miúdos haveres.

Fomos, pela cidade, ele um pouco à frente, com seu andar empinado mas tropeçado de salamaleques. Sempre foi assim: ao mínimo pretexto, Abstinência se dobrava, fazendo vénia no torto e no direito. Não é respeito, não, explicava ele. É que em todo o lado, mesmo no invisível, há uma porta. Longe ou perto, não somos donos mas simples convidados. A vida, por respeito, requer constante licença.

Os outros familiares eram muito diferentes. Meu pai, por exemplo, tinha a alma à flor da pele. Já fora guerrilheiro, revolucionário, oposto à injustiça colonial. Mesmo internado na Ilha, nos meandros do rio Madzimi, meu velho Fulano Malta transpirava o coração em cada gesto. Já meu Tio Último, o mais novo dos três, muito se dava a exibir, alteado e sonoro, pelas ruas da capital. Não frequentara mais a sua ilha natal, ocupado entre os poderes e seus corredores. Nenhum dos irmãos se dava, cada um em individual conformidade.

O Tio Abstinência, este que cruza o rio comigo, sempre assim se apresentou: magro e engomado, ocupado a trançar lembranças. Um certo dia, se exilou dentro de casa. Acreditaram ser arremesso de humores, coisa passatemporária. Mas era definitivo. Com o tempo acabaram estranhando a ausência. Visitaram-no. Sacudiram-no, ele nada.

— *Não quero sair nunca mais.*

— *Tem medo de quê?*

— *O mundo já não tem mais beleza.*

Como aqueles amantes que, depois de zanga, nunca mais se querem ver. Assim era o amuo do nosso tio. Que ele tinha tido caso com o mundo. E agora doía-lhe de mais a decadência desse rosto de quem amara. Os outros riram. O parente sofria de tardias poesias?

— *Você, Abstinência, é uma pessoa muito impessoal. Tem medo da vida ou do viver?*

— *Me deixem, irmãos: esta é a minha natureza.*

— *Ou, se calhar, o Mano Abstinência não recebeu foi suficiente natureza.*

E deixaram-no, só e único. Afinal, era escolha dele. Abstinência Mariano despendera a vida inteira na sombra da repartição. A penumbra adentrou-se nele como um bolor e acabou ficando saudoso de um tempo nunca havido, viúvo mesmo sem ter nunca casado. Houve noiva, dizia-se. Mas ela falecera em véspera. Nessa anteviuvez, Abstinência passou a envergar uma tarjeta de pano preto, guarnição de luto sobre a lapela. Todavia, do que se conta, sucedia o seguinte: a pequena tarja crescia durante as noites. Manhã seguinte, o paninho estava acrescido de tamanho, a pontos de toalha. E, no subsequente, um lençol já pendia do sombrio casaco. Parecia que a tristeza adubava os pesarosos